

APRESENTAÇÃO

Num contexto intelectual como o da vida académica, em que a adesão a uma tendência filosófica, a uma escola ou um autor sempre nos dispensa da incómoda responsabilidade da autonomia, a maior e mais difícil de todas as fidelidades é a fidelidade a si próprio. Tal fidelidade não significa a cristalização numa simples opinião que busque na particularidade de um ponto de vista a sua única – e pobre – justificação. Ela é antes assunção da liberdade para inteiramente se expor no exercício de pensar com os outros, de pensar e pensar-se na obra dos outros, a partir dos problemas que lhes são comuns, e de fazer dessa retomada, a um tempo dialogante e crítica, o processo mesmo de construção de um itinerário próprio e de uma personalidade intelectual.

Mais que o comentário pormenorizado das obras maiores da fenomenologia, tarefa que os fenomenólogos portugueses da primeira geração cumpriram com competência, João Paisana é não tanto um conhecedor em extensão dos textos, um simples erudito, mas um *leitor* das obras decisivas de Husserl e de Heidegger, de Dilthey e de Gadamer, ou também ainda de Merleau-Ponty e Sartre, para o qual o trabalho da leitura se envolve em oportunidade para uma penetração incisiva nos debates filosóficos correspondentes e em lugar de construção das posições que traçam a sua própria fisionomia enquanto *pensador*.

Da plena assunção de uma liberdade para pensar – sem manietadoras fidelidades de escola ou de tendência, que sempre representam, ao mesmo tempo, uma infidelidade maior a si próprio – é feita a obra de João Paisana. Uma obra que, falando amiudadamente dos autores maiores da fenomenologia e da hermenêutica, tomando partido nas questões que os opõem, e desenvolvendo-se primariamente a partir da perspectiva heideggeriana sobre a fenomenologia, fala sobretudo, através desses autores, de uma posição que é sua, posição paulatinamente conquistada na leitura pensante e na retomada crítica dessas obras não como blocos intocáveis na sua positividade, mas a partir das questões que as suportam e das coisas que nelas estão fundamentalmente em questão.

Falar da obra fenomenológica de João Paisana é, assim, falar da sua questionação sobre o que é a própria fenomenologia. E para uma figura em que o questionamento filosófico é assumido na sua radicalidade, como lugar inaugural de exposição do homem ao enigma do ser, do mundo e da vida, sem a segurança de uma qualquer “visão científica” ou de uma tradição inorgânica já pressuposta de antemão, perguntar pela essência da fenomenologia não significa, por sua vez, determinar os contornos de uma simples escola filosófica entre outras, mas fazer dessa questionação o lugar mais elevado de inteligência do real, o mesmo é dizer, do homem e do mundo, da vida, da historicidade que é constitutiva desta e a de todas as formações culturais.

Esta disponibilidade para a liberdade de uma interrogação radical, expondo o homem perante si próprio e o mundo no desassossego de uma questionação sem recuo, que só sobre si própria se pode firmar, não é apenas o traço subjectivo, particular, de uma personalidade, seja ela uma personalidade com a magnitude da de João Paisana. Primeiro que tudo, ela é expressão da cultura da Europa e do fenómeno espiritual da Filosofia, que tem nos gregos o seu lugar de irrupção, e, de seguida, da essência da própria fenomenologia, que, na celebrada caracterização de Sartre, tornou outra vez possível o acto de filosofar. Eis o modo como, no percurso intelectual de João Paisana, a destreza na manipulação do aparato conceptual da fenomenologia está *in via* para a assunção da Filosofia na sua radicalidade e, por meio desta, mais atrás ainda, para uma inscrição da reflexão filosófica no horizonte mais vasto de uma meditação sobre a cultura europeia, que é o seu seio, e sobre a significação desta enquanto fenómeno espiritual regido pela liberdade.

Que é a Europa, assim essencialmente determinada pelo advento da Filosofia? Os seus contornos geográficos ou étnicos sempre mudaram ao longo da história. Eles são, por isso mesmo, impossíveis de fixar de um modo definitivo. Mas seja Europa a Hélade, o mundo romano, a Cristandade ou a mais recente tendência, hoje em refluxo, para a “europeização” do modo de vida de povos geográfica e etnicamente afastados do continente que vai do Atlântico aos Urais, a Europa, enquanto fenómeno espiritual, tem uma fisionomia bem definida, estável, que vale como seu traço essencial. A Europa, neste sentido, é o lugar de irrupção de uma forma de vida humana marcada pela liberdade de um questionamento radical acerca de si própria e do mundo. Tal questionamento conduz certamente – e conduziu, de facto, desde as obras de Platão e Aristóteles – ao ideal normativo da *episteme*, da ciência. Mas mais fundo que isso – que é já um resultado e, como João Paisana o mostra, um resultado suportado por uma interpretação – está a própria atitude que lhe subjaz de uma liberdade para o questionar que vence a naturalidade do que se dá como óbvio e “sem questão” para fazer disso mesmo a matéria de um debate permanente onde a existência humana se escolhe e reconfigura.

Neste sentido, a Europa é não o lugar da continuação, mas antes o lugar do *começo*. Esta liberdade do *começo* não é, porém, equivalente à ideia de um *começo* radical. A exigência de uma questionação que regrida mais atrás de tudo o que é simplesmente pressuposto como válido não equivale à ideia de um *começo* primeiro, obtido pela instalação num terreno neutro de onde estariam ausentes todos os supostos. Se a cultura europeia é o lugar de *gênese* da Filosofia, entendida como esta radicalidade do questionamento, ela é também, por outro lado, o lugar onde essa radicalidade se viu desde o início interpretada a partir da ideia de um *começo* da Filosofia na neutralidade mirífica de uma posição em si mesma assituada, a qual seria, por isso mesmo, um ver “absoluto”, triunfador da finitude, um ver sem ponto de vista ou a partir de nenhures.

Esta interpretação da natureza da Filosofia não é, porém, um acontecimento accidental. Ela atravessa-a e marca-a no seu trajecto histórico desde os Gregos. Seja na miragem de um olhar matinal sobre o mundo como totalidade das substâncias, na versão aristotélica da experiência, seja na versão moderna de um *começo* a partir do encapsulamento na certeza primeira do *ego sum*, tal interpretação comprometeu desde o início a Filosofia com a visão teórica e com o ideal de um saber na total ausência de pressupostos.

O exame desta configuração histórico-sistemática da Filosofia é um dos temas maiores da obra de João Paisana, talvez aquele que, como um centro, organiza e dá inteligibilidade a todos os outros. O seu percurso filosófico *começou* por uma leitura de Husserl, em que se mostra a radicalidade da estrutura *als was*, “enquanto que”,

do significar na originária abertura do mundo, e por uma reflexão sobre o modo como a passagem de Husserl a Heidegger se pode entender como o caminho em direcção a uma compreensão original dessa estrutura não como simplesmente apofântica, relativa ao juízo no horizonte da teoria, mas antes como hermenêutica. Na sequência desse primeiro resultado, João Paisana logrou mostrar ser a esfera pré-predicativa, configuradora da experiência do mundo, algo a caracterizar pela unidade da tradição e da questionação e, finalmente, pelo entendimento dessa interrogação da tradição como uma experiência comunicacional.

Através destes temas, que formam um percurso unitário, todo o trabalho de João Paisana vem confluir na ideia de que a liberdade, em que se colhe a figura mais fundamental do humano, necessariamente se conjuga como finitude, e que a exigência de um começo, que lhe é ínsita, não se confunde com a ascensão a um “ponto de vista” absoluto, mas será antes aquele exercício de responsabilidade – e de *fidelidade* – perante si próprio que nada tem como simplesmente dado, mas antes lê todo o dado como uma resposta cuja questão nos incumbe explicitar, formular e, acima de tudo, *pensar*. Só nesse movimento radical, em que todas as dimensões da existência estão envolvidas, se desenha o próprio espaço da liberdade. Ela não é, pois, uma posse, mas um exercício, não um dado, mas uma tarefa. Nela se produz o advento do mundo. E essa eclosão do mundo, assim colhida na sua vinculação à finitude e a essa liberdade que a exprime de modo autêntico, não será jamais a quietude de uma simples presença das coisas numa proximidade rotineira e por isso mesmo inquestionada, mas antes essa violência, essa corajosa assunção da urgência de um questionar que, se se configura como advento do mundo, na sua raiz mesma se esclarece como um *combate pela existência*.

Súbita e infaustamente desaparecido, em 14 de Outubro de 2001, com a idade de 56 anos, no pleno vigor da sua actividade intelectual e no momento em que se abriam, por sua mão, espaços institucionais para o fortalecimento da investigação fenomenológica em Portugal – espaços de que esta revista, a Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica e o Mestrado de Fenomenologia e Hermenêutica são a expressão –, João Paisana não poderá assistir ao desabrochar das múltiplas sementes que o seu labor como professor e investigador, mas também a sua presença como homem, por todo lado lançou. Mas se o homem não está já entre nós para conosco prosseguir nos caminhos que tão bem ajudou a desbravar, a sua *figura* como pensador constituirá, doravante, uma das referências mais decisivas dos estudos fenomenológicos em Portugal. Neste sentido, homenagear a figura de João Paisana é continuar a sua interpelação da Filosofia e corresponder-lhe, pensando com ele e, fidelidade maior, mesmo contra ele e para além dele, o que a sua reflexão nos legou como matéria e “causa” ou “cousa” do pensar.

A este apelo de uma homenagem responderam magnificamente as cerca de quatro dezenas de contribuições que se publicam neste volume. Da poesia aos testemunhos pessoais, dos estudos sobre aspectos particulares do pensamento do homenageado à reflexão sobre os autores maiores da tradição filosófica, este volume de *Homenagem a João Paisana* apresenta nas suas páginas uma riqueza filosófica raramente vista e quase inexaurível. Esse é o melhor tributo que poderemos prestar ao modo como a obra de João Paisana, pela sua riqueza e profundidade reflexiva, a todos nós interpelou e continuará a interpelar.

O Director da revista *Phainomenon* agradece a todos os autores a colaboração generosa. Sem eles, este volume de homenagem não teria sido possível.

Com eles, foi não só possível, como também excelente. O Director da *Phainomenon* dirige ainda, com gosto, uma palavra muito especial de agradecimento ao Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, a toda a sua Direcção e, em particular, ao seu Presidente, o Prof. Doutor Manuel José do Carmo Ferreira, já que, sem a sua disponibilidade e apoio permanentes, este volume não teria sido igualmente possível. Ao Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa fica também aqui um público agradecimento pelo apoio concedido.

Pela conjugação de todos estes esforços, o presente número duplo da *Phainomenon* será, assim, um volume *em memória* de João Paisana. Mas não será um volume tocado pela escuridão da nostalgia. Invoquemos, na hora de terminar, as belas palavras de Glauco a Diomedes, num passo do Canto Sexto da *Iliada*:

Tal como a geração das folhas, assim é também a dos homens.
As folhas, umas deita-as o vento ao chão, e logo
A floresta viçosa cria outras, quando surge a Primavera.
Assim nasce uma raça de homens e outra cessa de existir.

Porque todos nós somos esse húmus, essa terra úbere que o pensamento de João Paisana também fecundou; porque todos nós somos, pelos acasos da fortuna, os sobrevividos e o primeiro começo das Primaveras dos vindouros, celebremos então, com este volume, não a nostalgia, mas a alegria, o entusiasmo, a força irreprimível do futuro.

É aí que, para nós, João Paisana sempre estará.

Pedro M. S. Alves
(*Texto subscrito pelo Conselho de Redacção*)